



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48.000
OUTO MEZES (até ao fim de 1895)	32.000
SEMESTRE (26 numeros).	25.000
TRIMESTRE (13 numeros).	13.000
NUMERO AVULSO.	1.500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.

As assignaturas, cujo pagamento será adiantado, começarão em trimestre regular.

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 12 de Dezembro de 1895.

N. 32

## A CIGARRA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as condições de assignatura que a Empresa da *Cigarra*, para satisfazer justas reclamações, resolveu alterar.



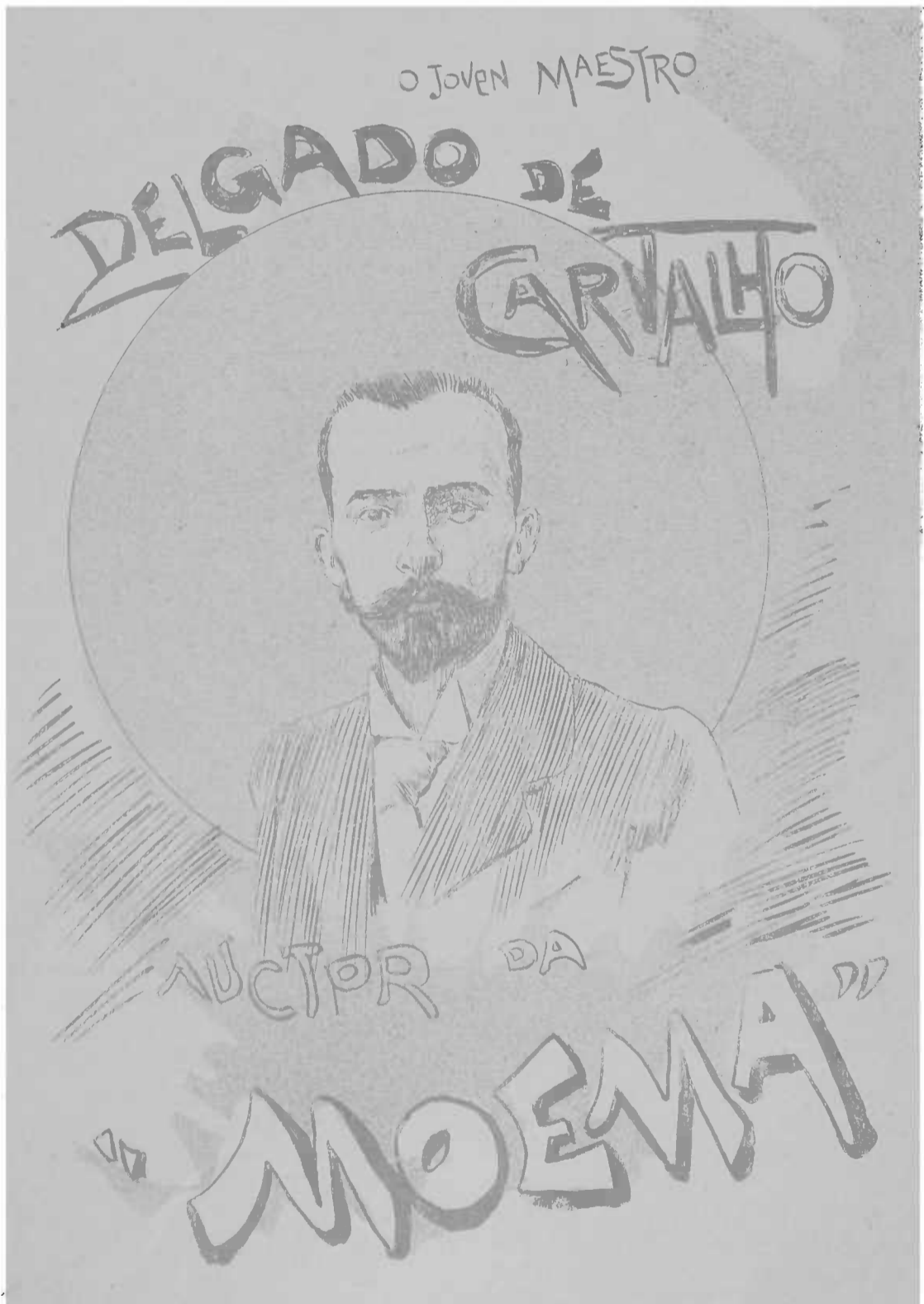
A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.





Bate-nos a porta o Natal. Não é mais o Natal dos presepes, das consoadas, das Missas do Gallo — doce, poetico, inesquecido Natal

da tradição. E' agora um Natal a que a Civilização arrancou o chapéo de palha e o amplo costume alvo e leve de brim, e que se nos apresenta polido e gravê, cheio de *shake-hands*, de mesuras e de boas maneiras, de sobreca-saca e de cartola.

Já, á sua chegada, a alma nos não estremece de jubilo, nem na memoria se nos avivam recordações do que foi, ha precisamente um anno, aquelle suave Natal que passou. O tempo voa e a Civilização é inexoravel. Ha um anno dizia eu... Agora não ha só um anno; ha seis, ou doze, ou vinte. Debalde nos debruçamos do anno que corre para os que passaram, a ver se ainda lá descobrimos um pouco do que nos foi em certo dia a alegria maior. Os annos correm sempre, como um trem á disparada; e aos olhos de quem se deixou ficar á janella, a olhar para o caminho percorrido, mais e mais o terreno diminue, diminue, diminue...



Vocês sabem o que é um jantar de papas á portugueza? Pois ahi está como nós passavamos o Natal.

Com que delicia o não viamos chegar, vae para quatro annos. Elle tinha para meia-duzia dos nossos o esquisito encanto d'esses jantares com bacalháo de forno e com vinho verde de Basto, ao fundo escuro das tascas da rua da Uruguayana.

Galhos de mangueira pendiam das paredes, levantavam-se em arco, pelas portas, enchiam a casa toda de uma alegria e de um verde de campo, á sombra. E á entrada, nos largos, bojudos boiões de barro, castanhas assavam, estalando, rebentando de momento a momento.

Debochem-me, vocês que não sabem o que é um jantar d'esses. Debochem-me! Por mim, sempre lhes quero dizer que me vieram lagrymas aos olhos quando um Prefeito, homem de pequenina altura, irrequieto e trefego, feito de uma energia hysterica insufficientemente contida nas curtas dobras da sua sobreca-saca lustrosa e negra, arremetteu contra as tascas e deu cabo d'ellas a um golpe unico da sua poderosa e pesada durindana com que acabava de decepar uma celebre *Cabeça de Porco*.

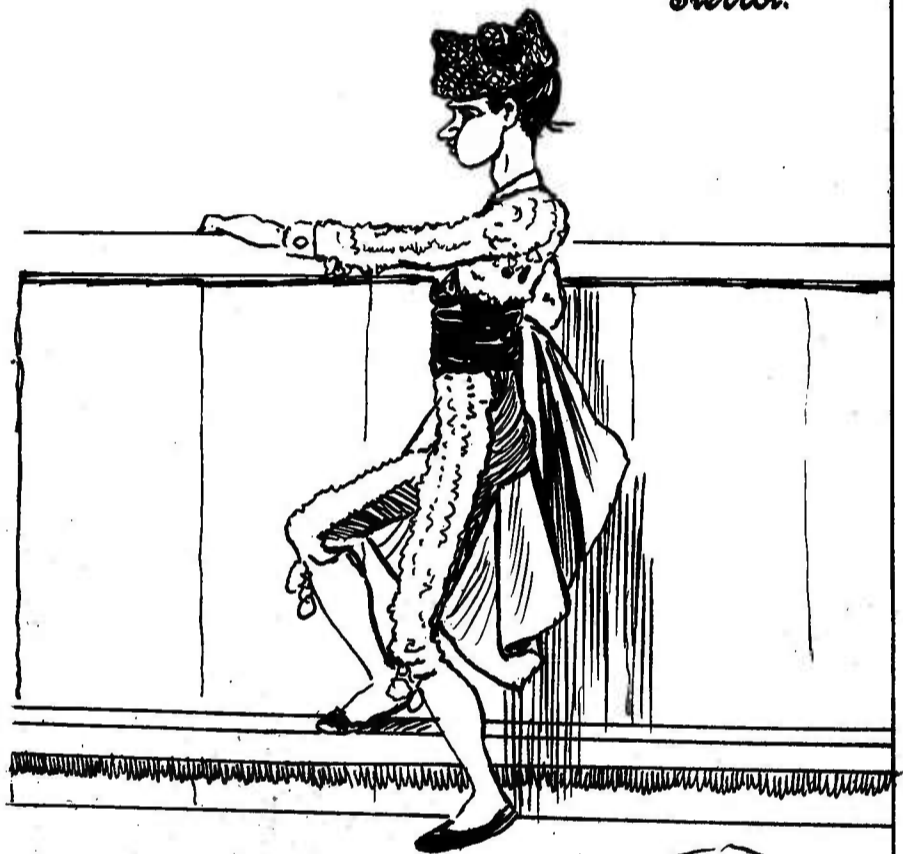


Foi o Sr. Barata Ribeiro. Elle não admittia interior de taverna escuro, nem sem mesas envernizadas, nem mesas sem toalhas, nem toalhas que não fossem de linho, legitimo, garantido, e que não estivessem sem mancha.

E lá se foram as tascas, áquella postura que as mandou pintar todas, por dentro, e que lhes arrancou as folhas de mangueira e que lhes rasgou as paredes, para que a luz cahisse a jorros, do alto, e que as guarneceu de mesas envernizadas, em duas filas, como nos hoteis, e com toalhas limpas, ao contrario dos hoteis.

Foi-se-lhes todo o encanto. Agora, qualquer d'ellas tem o aspecto do « Restaurante do Papagaio » ou do « Grande Hotel de Pariz. »

Sierrot.



*A los toros!* foi a senha, no domingo ultimo. Não houve mãos a medir, para a venda dos bilhetes, nem para o recebimento delles; ou por outra, houve menos para os vender á porta, do que para os receber á entrada. Talvez por isso, por que eram insufficientes as mãos para a venda, não faltou quem se propuzesse comprar bilhetes a pontápés.

Dentro, na praça, foi um successo. Enchente á cunha, applausos, chamadas, ovações. Nem se devêra esperar menos do publico, attento o valor da *cuadrilla*.

O cavalleiro... Meus senhores, o cavalleiro é de tal ordem, que a muita gente lhe pareceu ouvir dizer, ufano, ao cavallo: — Assim ao menos, já vale a pena á gente deixar-se montar! »



Transbordaram da ultima semana para esta de que ora lhes fallo os trinta e quatro convites que publicou o *Jornal* para as missas pelo ex-imperador. Devem-se descontar desse numero os que lá apparecem repetidos, em normando e em redondo, o que é, porventura, meio para attrahir a attenção dos leitores re ractarios á politica. Pareceu por certo a quem quer que os mandou publicar, que um só poderia passar despercebido, e que em duplicata já o perigo de que se não lessem era naturalmente menor.

Mas não é dos convites, pelo seu numero, que ora lhes pretendo fallar. E' que, repetida em toda a lista delles, uma circumstancia me ferio muito particularmente a attenção. Na maioria, os convites insertos pelo *Jornal* denunciam uma tal e tão sincera unanimidade de vistas quanto ao modo de os redigir, que, se por acaso é igual quanto ao modo de entender a successão ao throno pelo Sr. do Grão-Pará ou pela Sra. D. Isabel, dá aos monarchistas fluminenses esta vantagem sobre os seus correligionarios paulistas — a de estarem todos plena e convencidamente de accôrdo para a campanha.

X

Veja-se, a começar do quinto convite, pela ordem de publicação no *Jornal*.

« Carlos de Laet e outros monarchistas, convidam para a missa... por alma do Sr. D. Pedro II, de gloriosa memoria »

« João Teixeira de Abreu faz celebrar, etc. por alma do imperador « de saudosa memoria ».

« Antonio José Alexandrino de Castro manda celebrar etc por alma do augusto finado « de saudosa memoria ».

« O barão de Miranda Reis manda resar, etc. por alma do magnanimo imperador « de saudosa memoria. »

« Terencio Leal Pimentel manda celebrar, etc... « de saudosa memoria. »

« Os monarchistas do bairro do Rio Comprido, etc. « de saudosa memoria. »

« Dr. João Fortunato Saldanha da Gama, etc. « de saudosa memoria. »

« Ernesto Thibau manda resar, etc. « de saudosa memoria. »

« Antonio José do Couto Junior manda resar, etc. « de saudosa memoria. »

« José A. C. Silveira manda resar, etc. « de immorredoura memoria. »

« O Dr. Francisco Augusto de Almeida e outros monarchistas, mandam resar, etc. « de saudosa memoria. »

O 33º convite ainda têm esta redacção — « Pelo descanso eterno da alma do grande patriota, « de saudosa memoria... » E' o que em eleições se poderia chapa batida.

X

Exame de direito constitucional na Faculdade Livre do Sr. França Carvalho :

— Perfeitamente. Agora tenha a bondade de dizer:— Que medidas de excepção póde o governo empregar durante o sitio ?

— As medidas de excepção que o governo póde empregar durante o sitio são duas — a Correccão...

— Como é ?

— Quero dizer, a detenção e... e...

— E ?

— E o dest.

— Hein ?!

— A detenção e o florianopolis.

Marcial.

## TÉNEBRAS

Porque mais te não vejo, mais te sinto  
Perto... Mais perto dos teus olhos ando.  
Diz-m'o não sei que delicioso e brando,  
Como os vagos instinctos, vago instincto.

'Stás perto, sinto-te... E de quando em quando,  
« Busca-a ! » — manda uma voz. « Busca-a ! » Consinto.  
E ando de labyrintho em labyrintho.  
Cégo, paredes humidas tacteando....

Quem me ha de os olhos descerrar ? Teus olhos,  
Pela doce alegria de trazer-m'os,  
Quem m'os ha de mostrar n'esta anciedade ?

E amontoam-me escolhos sobre escolhos...  
— Almas enfermas, corações enfermos,  
Qual de vós é que soffre esta saudade ?

Pedro Babello.

## AS EMPALMAÇÕES DO SANITARIO

— Mas como é que elles podem empalmar um homem !  
— Primeiro tiram-lhe os ossos todos, depois tapam-lhe a bocca, as ventas, os ouvidos, tudo emfim, e depois sopram a pelle. Estás percebendo ?  
— Faço o possivel.  
— Ora no momento opportuno desparafusam a rosca por onde sopravam, a pelle encolhe e a cousa faz-se como se fosse com uma luva descalçada.  
— E por onde é que elles sopram ?  
— Sei lá ! — Se o vento sahe por onde elles sopram, é claro que elles sopram... por onde o vento sahe !

# A FANTASIA

## A BESTA HUMANA

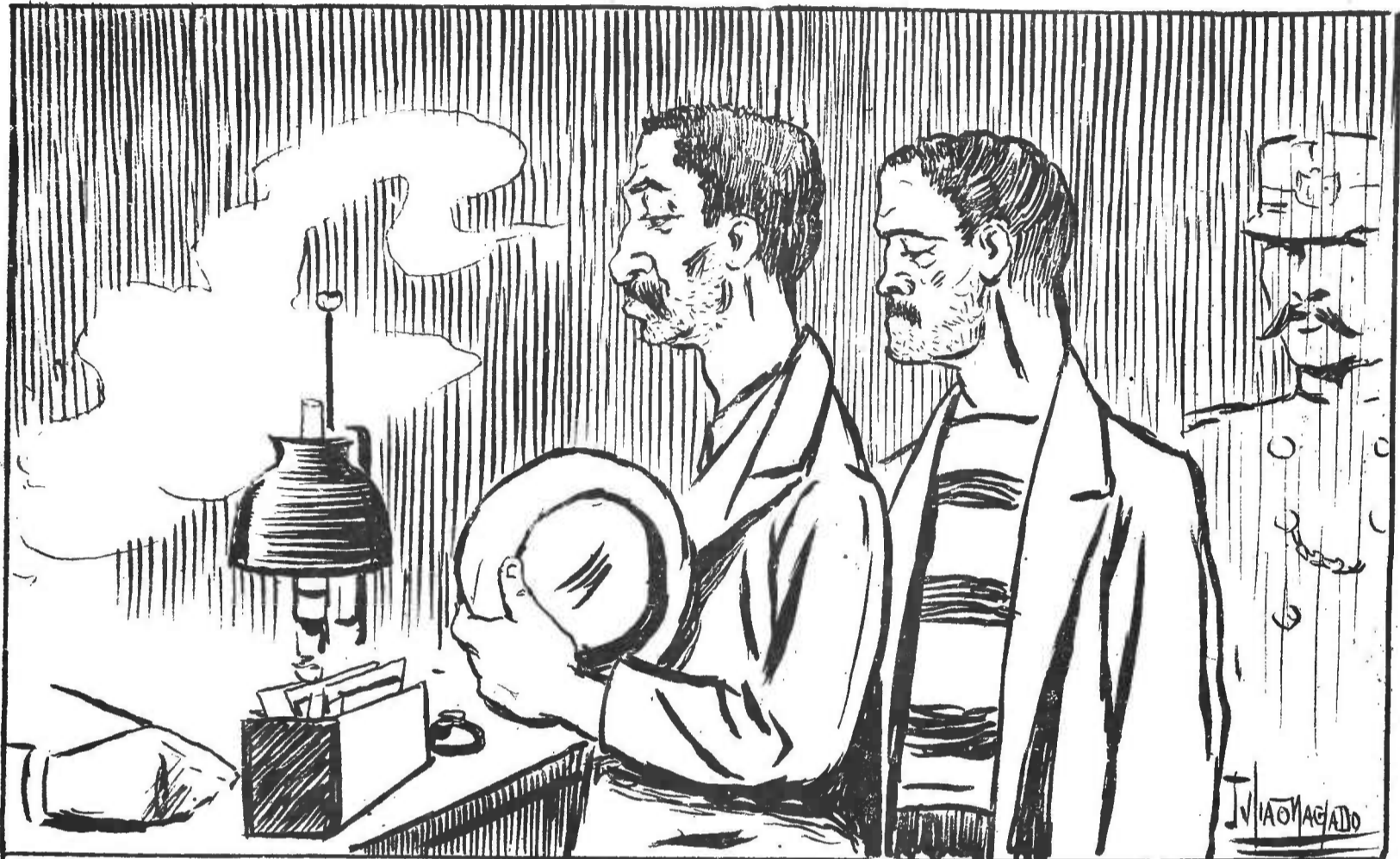


— Creal-o, eu?! *Lura!* Depois os senhorios não querem que a gente tenha creanças em casa.—

« Da casa da Detenção evadiram-se ante-hontem, ás 7 1/2 horas da noite, os sentenciados José Dias Fernandes e Angelino de Carvalho, aquelle condemnado a seis annos de prisão por crime de defloramento, este condemnado a tres por tentativa de arrombamento.

Estando ambos ao serviço particular do Sr. Demetrio Temporal, administrador d'aquelle estabelecimento...

(Do País)



— Como estavamos com medo do Temporal... a gente poz-se de capa. —



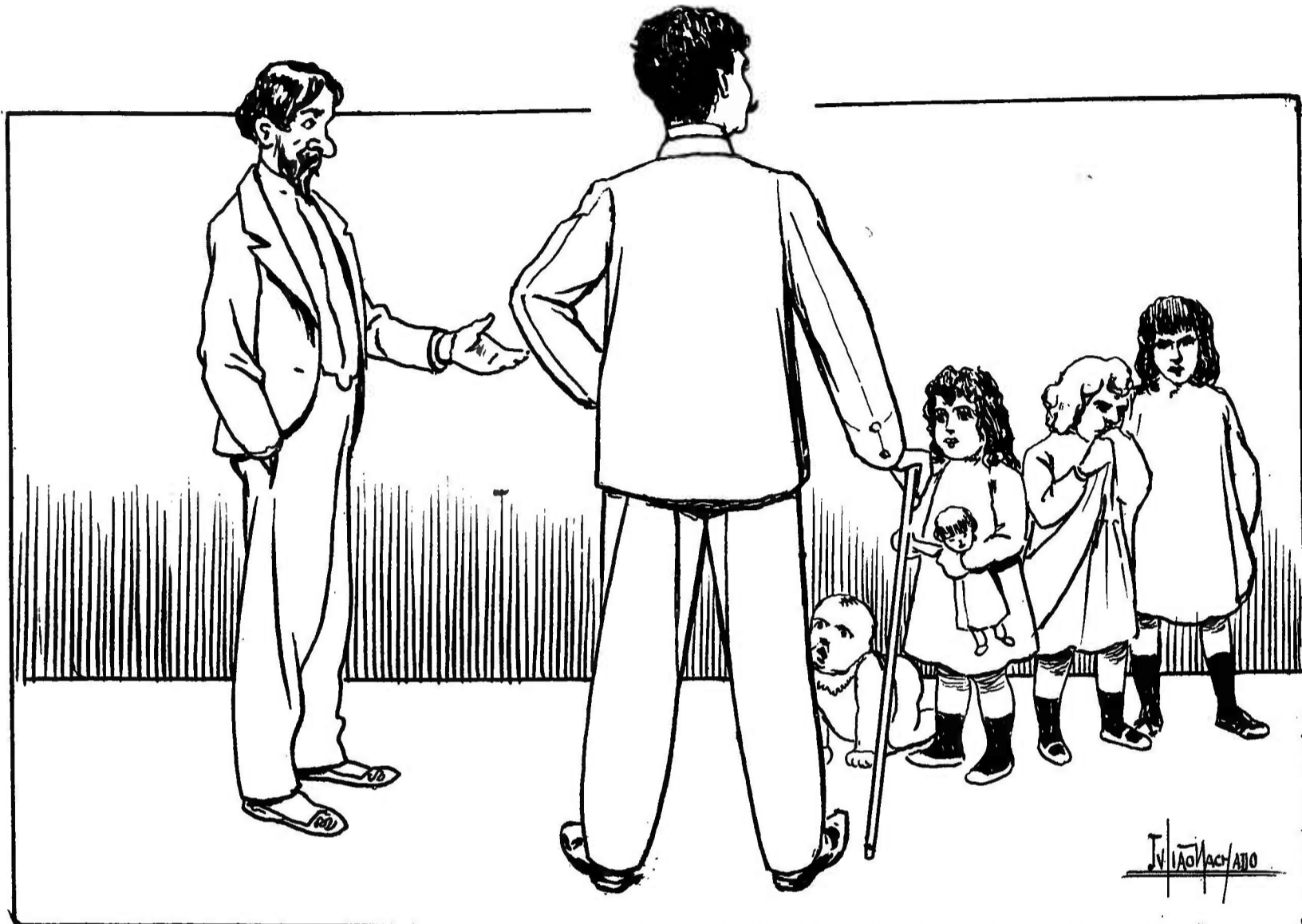
«Os gatunos assaltaram á noite passada o laboratorio de hygiene da faculdade de medicina».

Não estão vendo a scena?

(Da Gazeta de Notícia de 10.)

## "TODAS FLORESCENTES"

(AO SR. REVISOR DO JORNAL DO COMMERCIO)



Pois, meu caro, d'isto é que se pôde dizer : — *todas florescentes e bem empregadas!*

(Da Gazeta de Noticias, de 9).

« Hontem ás 5 1/2 horas da tarde, na rua de Santa Luzia, o menor Antonio Ferreira Martins, de 13 annos de idade, dirigindo um gracejo ao portuguez Francisco Antonio Mesquita, no qual bateu levemente com uma bengala, foi por este gravemente ferido na cabeça com uma garrafa de leite que *condusia* (o gripho é nosso) o que o fez cahir sem sentidos. O menor foi remettido para o hospital da Misericordia, sendo lavrado auto de flagrante contra o offensor ».

Afinal provou-se que a culpa não foi do Francisco Antonio mas da garrafa de leite que elle *condusia* e que tomou o freio nos dentes.

### NOSSOS INTERVIEWS

Tendo acompanhado com o maior interesse a do... *mmant*, questão debatida actualmente pelos meus collegas Guanabarrino e Barboza e não sabendo até hoje qual dos dois tem razão, pelo labyrintho de argumentos em que se metteram, resolvi dar aos leitores da *Cigarra* a abalisada e esclarecida opinião de uma das mais distinctas *solistas* do nosso pequeno meio artistico.

Ante-hontem, pois, á tarde, fiz passar o meu cartão de visitas a M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff, que não é uma desconhecida para o nosso publico. Estabelecida ha longos annos entre nós, essa talentosa professional tem feito as delicias do *tout Rio de Janeiro* scientifico, litterario, artistico e policial, fazendo de *la musique en chambre*.

Seu nome está feito de ha muito, o que torna desnecessarios mais longos commentarios.

Decorridos uns dez minutos, durante os quaes estivera a admirar a elegancia e o conforto da installação, assim como um rico *porte-biblot*, repleto de delicados presentes feitos por inumeros admiradores e alumnos (todos sabem que M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff tem um curso n'esta cidade), appareceu-me a dona da casa, seguida de dois lindos e felpudos cachorrinhos brancos, dois animados flocos de algodão.

Logo que me viram saltaram-me em cima, afagando-me, lambendo-me as mãos.

M<sup>lle</sup> de Roskoff, sorriu-se da minha surpresa :

— O senhorr estar admirade desta réception, elles sont tan amorose e estar habituede a verr tante gente...

Depois de umas tantas banalidades, abordei o assumpto da

minha visita. E' preciso dizer que, para lhe facilitar o dialogo, eu declarara a M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff que podia fallar em francez.

— Je suis enchantée de pouvoir mieux m'exprimer. Je trouve le portugais si difficile!

— Il y a, cependant, bien longtemps, que vous êtes parmi nous.

— Que voulez-vous? De la paresse. Et puis vos compatriotes, en général, parlent si bien le français. Ils adorent ma langue!

— En effet, elle est bien douce! Je n'en connais aucune meilleure pour la conversation.

Mais, me permettez-vous de vous rapeller le but....

— Parfaitement. Vous désirez savoir mon opinion au sujet de la discussion entre les deux critiques. C'est une question demi.... comment vous dirai-je... pas tout-à-fait nette. Les points en sont obscurs. Il s'agit de savoir si le ténor a eu un do ou un si naturel. Entre nous, je vous dirai que ce si est devenu.... quelle scie!

— Mes compliments pour le double calembourg.

— Ce si à moi....

— Encore!

— ..... ne me parait pas très clair. J'opine pour le do. J'ai travaillé longtemps sur le do. C'est une note des plus difficiles, elle exige beaucoup d'étude et de patience. Quand j' ai commencé mes études de clarinette — et vous savez si je suis forte aujourd'hui — l'échelle n'arrivait qu'au si. Je ratais toujours le do. Ce qui faisait dire à mon professeur, qui était italien: *Fa mi, si, il dó!*

— Et que me dites-vous de leur discussion sur l'instrument qui a fait votre réputation...

— Je préfère me taire.

Cela me mènerait trop loin. J' abomine les polémiques.

— Mais entre nous...

— Serez-vous discret?

— Autant qu'il me sera possible.

— Votre franchise me plait. Eh bien! vos fameux critiques n'en savent pas le premier mot! Quand et où ont-ils appris à jouer de la clarinette? Il suffit pour prouver qu'ils n'y connaissent rien du tout cette opinion émise dans un des articles; permettez-moi de vous la répéter en portugais: *o clarinete quante mais quante mais sobe de tom!!*

Mais, jamais de la vie! quand la clarinette est échauffée à ce point, c'est à dire quand elle a donné tout ce qu'elle avait à donner, la gamme en toute son ampleur, elle baisse sensiblement.

C'est ce que nous appelons *ralentando*....

N'este momento uma criada entrou annunciando a chegada do conselheiro X.

— Vous m'excuserez si je laisse là notre agréable conversation, disse-me então M<sup>lle</sup> Olga de Roskoff, mais voila l'heure des leçons qui recommence.

— Comment? le conselheiro X?

— Oui, il est veuf et il apprend pour se créer un pas-temps!

Despedi-me penhoradissimo, deixando a distincta profissional aos seus afazeres. Lastimei-a, entretanto. O termometro marcava 38° á sombra!

*Farcim.*

## VIDA NOCTURNA

Uma opera nacional! Oh! caso raro e digno de memoria!

Sobre o libretto *Moema*, de Assis Pacheco, libretto que não chega a ser precisamente um libretto, escreveu Delgado de Carvalho uma partitura que foi ouvida com prazer e até, digamol-o, com enthusiasmo.

Entretanto, não afoguemos n'um oceano de exagerados elogios um talento que surge. A musica de Delgado de Carvalho é bem feita, mas nada tem de original: a cada momento ouve-se uma reminiscencia... Por emquanto, só temos diante de nós uma grande esperanza que espero ver convertida em realidade.

A opera teve boa execução por parte dos artistas e da orchestra da companhia Sansone, mas a côr local foi muito sacrificada. *Moema* apunhala-se: não consta que o uso do punhal esteja adoptado entre os selvagens do Brazil. O sr. Rotoli deu-nos um indio barbado, tão barbado como um judeu de cartilha! E' verdade que a propria *Moema* tinha bigodes...

Os melhores papeis da sra. Bassi — já notaram? — são aquelles em que ella se pinta de vermelho: *Aida*, *Selika* e *Moema*. Ahi está uma cantora de quem não se pôde dizer: — Não a quero vêr nem pintada. — Antes pelo contrario.



A empresa do Apollo annunciando as *Sete maravilhas do mundo* e a do Eden annunciando a *Rainha dos Genios*, invocam ambas a opinião de Arthur Azevedo, que classificou as *Sete maravilhas do mundo*, como a rainha dos negocios, e a *Rainha dos Genios* como a 8ª maravilha do mundo.

Illudidos por esse testemunho, andam alguns espectadores indignados contra o gordo chronista, arriscado a pagar com uma tunda de pão a sua condescendencia.



Os naufragos do *Uranus* fizeram beneficio no Recreio com os *Lobos marinhos*, não porque sejam lobos, mas porque são marinhos, e lembram, por consequencia, o mar em que elles naufragaram. Boa idéa.



Os *furiosos* e os artistas que sabbado e domingo deram tiros no Variedades e no S. Pedro, acharam um meio muito simples de fazer dos *Dous proscriptos* ou a *restauração de Portugal* um drama novo: intitularam-no a *Restauração de Portugal* ou os *dous proscriptos*. No fim dá certo.

João Piloto.

(Do *Pais*, de 9).

«Hoje, na hora do expediente, é provavel que o sr. deputado Leovigildo Filgueiras, occupe a tribuna para tratar da exploração clandestina que lhe consta estar havendo nas areias do Prado».

Uma pequena pergunta, se não offende: — este caso não devia ser tratado por uma junta de medicos? Que têm que vêr os srs. deputados com a areia do Sr. Prado?

# À SEMANA ALEGRE



— Se eu te tenho dito que este jornal é só para homens.